

**ASSOCIAÇÃO LACANIANA INTERNACIONAL**  
**JORNADA DE ESTUDO: A TRANSFERÊNCIA**  
**MESA: TRADIÇÃO E INVENÇÃO NA TRANSFERÊNCIA**

**Tema: Da transferência de amor à transferência de trabalho**

Na leitura do *Seminário 8* de Lacan sobre a transferência, fui levada a interrogar a passagem da transferência de amor a uma forma de transferência de trabalho, considerando tanto meu exercício clínico quanto minha experiência como analisante, numa articulação vem se construindo num trabalho de Cartel<sup>1</sup> *A Transferência*, criado a partir da Oficina de Psicanálise com Criança e Adolescente, na AFJF. Nazir Hamad, numa reunião do Cartel, quando eu indagava à propósito da passagem de uma transferência à outra, indicou não haver uma passagem linear, insistindo na coexistência de ambas. Parto, então, da hipótese de que amor e trabalho se apresentam simultaneamente no início de um tratamento analítico, como uma tensão constitutiva da práxis psicanalítica, que se desloca ao longo do percurso. Essa coexistência, longe de ser acidental, parece-me necessária a uma análise.

Embora Lacan não fale de “transferência de trabalho” no *Seminário 8*, ele cunhará essa expressão alguns anos mais tarde, em 1964, no contexto da fundação da Escola Freudiana de Paris, ao tratar da formação dos Cartéis. Nesse cenário, indica como função do “mais-um” deslocar a transferência a ele dirigida para o trabalho na Escola, para o texto, operando no laço social. É importante sublinhar que Lacan fala da Escola e que, a transposição para a clínica é uma operação interpretativa que proponho, estabelecendo um paralelo entre o laço social na Escola e o laço analítico. Pensando a transferência como laço, é nesse ponto que me ocorre estabelecer uma aproximação entre a transferência de amor e a de trabalho, na clínica em sentido estrito.

Um fragmento de sonho narrado no curso de um tratamento ajuda-me a pensar essa questão. Um sujeito, o analisante, navegava num pequeno barco em direção a uma ilha, levando consigo uma carta. No trajeto, o vento sopra e leva a carta mar adentro. Em seguida, três guerreiros africanos, cada um portando uma grande lança, surgem trazendo a carta perdida, para restituí-la ao sujeito do sonho. O gesto dos guerreiros carregava a dignidade de devolver algo a alguém. Ao ouvir a narrativa do sonho, o analista pergunta pelo conteúdo da carta, mas o analisante não o identifica. A narrativa do sonho não revela um conteúdo e a luz recai sobre o ato da restituição. Esse ato de restituição pode ser tomado como metáfora da função do analista: devolver ao sujeito algo de sua fala, não o sentido perdido, mas a letra como resto significante.

A construção de um processo analítico se dá em torno da questão que o analisante formula e endereça ao analista. Quando alguém busca uma análise, há

---

<sup>1</sup> O Cartel a Transferência, inscrito na Associação Lacaniana Internacional e na Associação Freudiana de Juiz de Fora, foi iniciado em setembro de 2025, contando com os participantes Alessandra Silveira, Lícia Fazza, Fabiene Fernandes, Cláudia Manfrini, tendo Nazir Hamad como mais-um.

algo que o ultrapassa, há um desejo de saber sobre o seu sintoma e uma suposição de que alguém sabe dele, no caso, o analista. Ao analista, caberia restituir ao sujeito aquilo que foi escutado em sua fala – um percurso que lhe permitiria o reencontro com seu fantasma original. Essa restituição à qual me refiro, não recupera o sentido perdido, mas sustenta a dimensão de um resto irreduzível – o significante, a letra, como nomeada por Lacan. A carta, que aqui a tomo como **letra**, torna-se metáfora do processo analítico, processo esse que não visa responder à demanda de amor, mas sustentar o resto que não pode ser nomeado, circunscrevendo-o no trabalho da análise.

Essa vinheta vem auxiliar na construção daquilo que estou nomeando como passagem de uma transferência a outra. Quando ocorre a restituição de algo perdido e o analista indaga acerca de seu conteúdo, uma questão se formula: *Che vuoi?* A demanda de amor dirigida ao analista é devolvida em forma de pergunta. O analista, me parece, não sustenta apenas um enigma, mas o forja nesse ato da pergunta, fazendo emergir o vazio em torno do qual algo poderá se inscrever. É ao interrogar o conteúdo da carta que seu vazio se constrói e um desejo se articula, no *après-coup*, Lacan indica: quando alguém bate à porta de um analista, ele faz um apelo inicial, um pedido de ajuda. O que transforma esse apelo em questão de análise passa necessariamente pelo desejo do analista. Um desejo que, se ele tem um alvo, é sustentar a articulação do desejo do analisante.

Refletindo acerca da coexistência das transferências de amor e de trabalho na origem do engajamento do sujeito no processo analítico, recorro a Lacan que indica que para que uma análise ocorra, uma transferência de amor precisa se instalar. O sintoma deve ser articulado em relação ao fantasma, e o analista empresta seu corpo como *semblant*, respondendo: “não é a mim que você ama” – ainda que esse amor precise ser recebido. O endereçamento é ao analista, mas o que se articula é o fantasma do analisante. Se o analista não responde à demanda de amor com amor, é porque está advertido da dimensão do *semblant* que porta a linguagem. Aceitar o pedido de tornar-se amante, como Alcibíades pede a Sócrates, seria quebrar a dimensão faltosa da linguagem. A recusa de Sócrates é ética, não rejeição ao sujeito. É nesse ponto de tensão entre a demanda e a abstinência que uma questão pode ser formulada, e a passagem do amor ao trabalho pode operar de modo singular.

Amor e trabalho não se separam, pois ambos são necessários para que um tratamento seja levado a termo e para que um desejo possa advir. Lacan, ao trazer a *Trilogia* de Claudel, mostra que o analista não deve ocupar o lugar do Pai nem da Mãe. Freud, em alguns momentos, pôde ser tomado como figura de Pai, mas Lacan insiste que o analista deve se manter no lugar do (?) vazio – não como autoridade, mas como suporte da falta. Insisto, aqui, na transferência como articuladora da passagem do amor ao trabalho: não como ruptura, mas como deslocamento permanente, onde o amor mobiliza e o trabalho se constrói. O lugar vazio sustentado pelo analista me parece articular a transferência como dobradiça que opera a passagem do amor ao trabalho.

Um reencontro clínico, que passo a citar brevemente, me ajudou a circunscrever essa questão. Laura, acompanhada na infância em um processo de

adoção, retorna anos depois, aos 18 anos, prestes a ingressar na faculdade de Psicologia. Num breve encontro, traz críticas a Freud, interesse por Nietzsche e, sobretudo, a vontade de compartilhar comigo algo que permanecia em aberto. Ela retoma a questão que me endereçava na infância: “qual a sua religião?”. O amor infantil que a ligava ao processo por ela nomeado como terapêutico, me parece, retornar transformado no engajamento de sua palavra. Esse efeito retroativo sinaliza que algum trabalho se inscreveu a partir de um laço que começou como amor. A questão “qual a sua religião?” parece ter operado como enigma para Laura, por anos, fazendo-a retornar.

Contudo, se essa passagem da transferência de amor à de trabalho se sustenta na clínica de adultos, poderíamos dizer que ela também se sustenta na psicanálise com crianças? Essa é uma questão aberta, a ser desenvolvida no Cartel da Transferência na clínica com Crianças e Adolescentes.

Para concluir, resalto 2 pontos de chegada desse estudo, num percurso, que está em curso:

- não existe análise sem a instalação de um sujeito suposto saber ao analista que permita ao analisante formular sua questão, sendo o próprio inconsciente o enigma, irreduzível a um saber totalizante;
- não existe transmissão da psicanálise sem a suposição de um saber num mestre da Escola, e sem a construção de um enigma que mobilize o sujeito que pretende exercer a função de analista. É na Escola que o candidato a analista poderá construir junto aos pares um saber em torno desse enigma formulado em análise, um saber sobre o seu inconsciente.

Numa análise, tanto quanto numa Escola de Psicanálise, é preciso que o saber seja suposto e que exista um enigma que movimente o sujeito na direção da construção desse saber sobre o inconsciente.

Nesse percurso proponho que um processo analítico comportaria a passagem da transferência de amor à de trabalho como coexistência e deslocamento permanente. A carta restituída do sonho citado parece figura a letra irreduzível, resto significante que sustenta o trabalho em análise e que se articula como saber do inconsciente na Escola. O reencontro com Laura sinaliza o efeito retroativo do trabalho. Lacan aponta que a ética da psicanálise não busca preencher a falta, mas sustentar o desejo.

Assim, minha questão permanece: se na clínica de adultos podemos pensar essa passagem como coexistência e deslocamento, como se sustentaria na clínica com crianças? Talvez possamos dizer que a transferência de trabalho nesse tempo, só se inscreve retroativamente, quando o sujeito se apropria de sua falta. A própria escrita desta reflexão testemunharia esse exercício de transferência de trabalho no esforço de circunscrever o indizível em forma de letra? O que se transmite, então, não é um saber totalizante, mas o resto significante que sustenta tanto a análise quanto a Escola.